



JORNADAS
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E
HUMANÍSTICOS
DE PARINTINS

ANAIS

UEA-UFAM
Latinitates

20, 21 e 22 de outubro de 2022

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da III Jornadas de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<http://latinitates.com/>
<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
<https://www.facebook.com/latinitates/>
<https://www.youtube.com/latinitates>

Arte da capa: Renner da Silva Carvalho
Diagramação: Weberson Fernandes Grizoste
Revisão: Alexsandro Melo Medeiros

ISBN: 978-65-00-53317-0
ISBN digital: 978-65-00-53319-4

Latinitates – Estudos Clássicos e Humanísticos
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2022

O AMOR ENTRE GUERREIROS NA ÉPICA CLÁSSICA

Ediane Glória Barbosa [SEMED]
(orientador) Weberson Grizoste [CESP-UEA]

Resumo: *Guerreiros como Aquiles, o herói de Homero da epopeia *Ilíada*, Niso e Euríalo, os soldados de Eneias na épica de Virgílio *Eneida*, apresentam laços amorosos evidenciados no sentimento de amizade que os une. Aquiles e Pátroclo eram primos, tinham uma profunda amizade, apesar de não ficar tão explícito na obra um possível laço amoroso. Porém, constatam-se evidências de uma aproximação afetiva entre ambos, ao qual poderíamos julgar por um ato homossexual.*

Palavras-chave: Literatura Clássica. Homossexualidade. Guerreiros. Aquiles. *Phília*.

INTRODUÇÃO

No Mundo antigo, tal como na Grécia Antiga, era comum um homem adulto ter relações sexuais com um jovem. Tal relação denominava-se pederastia. Segundo Dover (2007) o filósofo grego Sócrates, o qual era aderente ao amor homossexual, afirmava que o coito anal correspondia a melhor forma de inspiração. O filósofo falava que o sexo heterossexual servia apenas para procriar. Para a educação dos jovens atenienses, esperava-se que os adolescentes aceitassem a amizade e os laços de amor com homens mais velhos, para absorver suas virtudes e seus conhecimentos de filosofia. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo sobre os heróis épicos que eram adultos e tinham um amigo mais novo. Exemplos da relação amorosa entre guerreiros encontramos na *Ilíada* com Aquiles e Pátroclo e na *Eneida* com Niso e Euríalo. Nas epopeias mencionadas a questão da amizade verdadeira é exaltada por seus correspondentes poetas, Homero e Virgílio, respectivamente. O trabalho enquadra-se em uma pesquisa básica, pois objetiva gerar conhecimentos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática. No que diz respeito aos objetivos, é uma pesquisa exploratória, já que envolve levantamento bibliográfico. Quanto aos procedimentos técnicos, corresponde a uma pesquisa bibliográfica, pois será elaborada a partir da recuperação de estudos realizados no meio acadêmico-científico.

AQUILES E PÁTROCLO

Homero apresenta aos seus leitores, além de muitas outras questões-núcleos da sua epopeia *Ilíada*, o laço afetivo entre o semideus Aquiles e o guerreiro Pátroclo. Diz-se, portanto, conforme se analisa aqui neste trabalho, um laço de amizade/amor entre guerreiros. Em Homero, conforme aponta Viegas (2013, p. 29), *philia* (amor, amizade) entre homens e mulheres é extremamente ligada ao *pathos* em sua carga semântica mais primitiva – um sentimento que estrangula e domina o homem de modo fortíssimo.

Na referente epopeia homérica, atenta-se para o fato de que no decorrer da narrativa seja cantada a “ira” de Aquiles, ou melhor, “duas iras” em circunstâncias e intensidades diferentes, assim como descreve Viegas (2012, p. 72):

O que poderíamos chamar de primeira ira – a fúria diante de Agamêmnon, por causa de Briseis, que o tira (a Aquiles) deliberadamente da guerra; e a segunda ira, muito mais profunda e dolorida, gerada pela perda de seu companheiro Pátroclo; ira que o faz retornar à guerra, derramar muito sangue e lágrimas, e matar Heitor, com cujas exéquias dá-se fim à narrativa.

Conforme a análise da autora, ao enfatizar a ideia de que a segunda ira causa uma dor mais intensa em Aquiles, concebe-se a questão de que há uma espécie de conotação amorosa nas entrelinhas do canto homérico. É possível observar que o semideus perde o controle ao constatar da morte de Pátroclo. Esse descontrole se concretiza na morte de vários inimigos e, principalmente de Heitor, responsável por tal desgraça para com o “seu igual”.

[...] se perdi o meu companheiro querido, Pátroclo, o melhor de todos os meus parceiros, o meu cabeça igual [...]

Nesse excerto fica explícito um sentimento especial que Aquiles nutre por Pátroclo. Não é à toa que aquele se revolta com a perda de um companheiro querido. “O grito de Aquiles chamando Heitor para a morte diante dos muros de Troia configura sua dor e manifesta claramente a Andrômaca que ficará viúva em breve” (VIEGAS, 2013, p. 33).

Uma passagem interessante de ser analisada é no canto XVI quando se mostra tanto a força do discurso em Pátroclo quanto a sua humildade apresentadas como virtudes:

O herói acusa Aquiles de frio e omissivo com o intuito de persuadi-lo a retornar às batalhas. Como não consegue, usa como último recurso o passar-se pelo companheiro: sabendo que não é um dos melhores guerreiros, pede a armadura de Aquiles a fim de que, tomando sua identidade, amedronte seus oponentes (VIEGAS, 2012, p. 73).

Pátroclo se mostra determinado a atuar na guerra, a ponto de se “sacrificar” passando-se pela figura de Aquiles. Essa atitude o leva a vulnerabilidade na batalha, pois mesmo sendo citado como um guerreiro valente, não gozava, pois, de certas habilidades desempenhadas por Aquiles. Pátroclo, como já se comentou, não tem um final feliz durante a batalha. A morte do guerreiro comove a todos, porém, a dor é muito maior em Aquiles.

No canto XVIII da *Ilíada*, Aquiles responde à Tétis o porquê de estão chorando, mesmo consagrado vitorioso no final da batalha.

Mas que satisfação tenho eu nisso, se morreu o companheiro amado (φίλος), Pátroclo, a quem eu honrava acima de todos os outros, como a mim próprio?

Aquiles demonstra certa culpa pelo fato de seu único e amado companheiro não ter tido a sorte de sobreviver e usufruir da vitória sobre o inimigo. Aquiles não se vê honrado diante disso, uma vez que Pátroclo o havia advertido a voltar para a guerra. E justamente ele (Pátroclo) se atreveu a lutar no lugar daquele (Aquiles), num ato que lhe trouxera a morte e, logo, a dor de Aquiles.

Conforme Viegas (2013, p. 34), esta *phília* de Aquiles e Pátroclo ultrapassa a vida cotidiana. Diante do e sobre o corpo morto de Pátroclo, Aquiles chora longa e amargamente, implorando ao destino que espere e una os dois (XXIII, 94-99) e prolonga até o dia seguinte aos funerais sua recusa a tomar alguma refeição. Importa notar que, “na *Odisseia*, quando Odisseu vai ao *Hades*, encontra Pátroclo ao lado de Aquiles, o que mostra a continuidade entre as duas obras de Homero: o pedido de Aquiles ao destino – que se dera na *Ilíada* – e sua concretização (*Od. XI, 467-468*)”, conclui Viegas (*Ibidem*).

Dessa forma, vê-se que Aquiles e Pátroclo possuem uma ligação que os leva a ter um contato para além da vida, como bem descrito na épica Odisseia. O ato de usar a roupa do semideus não foi por acaso. Realmente Pátroclo fora escolhido para ser sacrificado como uma forma de reestabelecer a organização do cosmos, uma vez Aquiles havia se retirado do campo de batalha. Essa escolha tem muito a dizer sobre a relação que ambos mantinham por intermédio de laços afetivos. Equivale dizer que os deuses manifestaram o desejo do sacrifício com base no sentimento, e Aquiles exercia de um amor verdadeiro pelo seu companheiro Pátroclo e vice-versa.

NISO E EURÍALO

Diante de diversas questões que movimentam e chamam a atenção na estrutura narrativa da Eneida, vale ressaltar os laços amorosos entre dois guerreiros troianos Niso e Euríalo. Conforme analisa Carlos Ascenso André (2006, p. 180), “é certo que o narrador jamais refere, pelo menos diretamente, um possível relacionamento físico entre os dois soldados de Eneias”. Essa indagação, porém, não exclui a possibilidade de uma relação para além de uma amizade.

Dois jovens amantes se aventuram em uma excursão militar. Um deles é capturado, e o outro, entre tentar salvar a vida de seu companheiro ou cumprir seu dever cívico e prosseguir em sua missão, escolhe o primeiro e se entrega ao inimigo, que mata os dois. É esse o destino de Niso e Euríalo, uma história de amor e guerra, que ocupa grande parte do livro IX da Eneida, marcando o início das hostilidades entre troianos e latinos, que culminariam com a vitória de Eneias sobre Turno, com a conquista do Lácio e com a fundação de Roma (ESTEVEVES, 2016, p. 101).

A passagem de ambos os guerreiros no decorrer da narrativa traz à tona a dualidade vivida por eles nos percursos traçados pelos deuses. Entre o amor e a guerra eles se mantiveram juntos, cúmplices até o momento do último suspiro. Nesse ato quando um dos guerreiros encontra-se em perigo e o outro de imediato tenta salvá-lo é que se observa com maior clareza a expressão do amor que os unia. Esse instante de extremo perigo os leva ao mesmo destino, inseparáveis até a morte.

Em boa verdade, um par de guerreiros que morrem um pelo outro, ligados pela amizade, não seria nunca romano, mas sim grego. O *pius* amor que os une deve ser interpretado no seio da sua comunidade, a troiana, que faz a passagem imaginária entre a epopeia grega e a romana. Niso e Euríalo são, pois, gregos, referem-se a modelos gregos e Virgílio nada fez para apagar a conotação de pederastia no episódio. Ora, sendo certo que, em Virgílio, tudo obedece a um desígnio amadurecido, é justamente a opção por manter inalterável este modelo grego que importa sublinhar (ANDRÉ, 2006, p. 186).

Essa relação, conforme acrescenta Esteves (2016, p. 101), é um dos paradigmas de amor e de virtude que Virgílio decidiu apresentar aos seus leitores, tanto a seus contemporâneos da sociedade augustana, como aos indistintos leitores futuros, aos quais igualmente se destinava a epopeia – um amor entre dois soldados e uma virtude que, ainda que não despreze o compromisso com a comunidade, privilegia os laços afetivos e de lealdade entre dois amantes.

Para além de uma profunda amizade, Carlos Ascenso André (2006, p. 181), acrescenta a ideia de que a epopeia virgiliana admite e, porventura, legitima outro tipo de suspeições. Suspeições essas que indicam uma possível relação homoafetiva entre Niso e Euríalo. Não se trata de uma afirmação, como bem coloca o autor, trata-se apenas de uma sugestão: “Mas o poeta, perito na arte de significar, não o diz. Apenas o sugere” (*Ibidem*).

Virgílio, ao fazer o leitor se inteirar sobre as características notáveis de Niso e Euríalo, assim diz, conforme a tradução de Carlos Ascenso André: “Euríalo, notável pela sua beleza e pelo verdor da sua juventude, Niso, pelo amor piedoso para com o jovem” (*Eneida*, 5.295-296). Nesse sentido, encontra-se uma sugestão, por intermédio da palavra “amor”, de que Niso nutria um sentimento por Euríalo. Como fica evidente, este “se encontra no vigor da juventude, ao passo que Niso é já um guerreiro experimentado, de idade madura; e este último alimenta pelo primeiro apelidado, e não por acaso, de *puer*, um amor *pius*” (ANDRÉ, 2006, p. 182). Esteves (2016, p. 105) reforça esse ponto de vista ao analisar que a beleza e a juventude de Euríalo, que poderiam

se afirmar de maneira absoluta, afetam especificamente Niso, que ama o rapaz, consubstanciando uma típica relação pederástica.

Esteves (2016, p. 104), ao reparar na apresentação dos jovens guerreiros no canto V da *Eneida*, nota que a caracterização de Virgílio a Niso e Euríalo foge à regra. Pois os competidores são, em sua maioria, caracterizados em função de suas origens nacionais ou familiares. O poeta cita, por exemplo, Diores “da egrégia linha de Príamo”; Sálío e Pátron, um acarnaniano, outro de sangue arcádio de uma família de Tegeia; Hélio e Panopes “jovens sicilianos”. “A exceção à regra é a caracterização de Niso e Euríalo, a qual, ao introduzir a apresentação dos competidores e, por extensão, toda a narrativa da corrida, deixa evidente a intenção de Virgílio de ressaltar a dupla”, conclui Esteves (*Ibidem*).

Durante o acontecimento dos jogos fúnebres em honra de Anquises, ao qual Niso e Euríalo participam da corrida pedestre, é possível observar nitidamente que existe um laço amoroso entre ambos. No ato da queda de Niso, quase terminando a prova, aquele olhou para trás e não hesitou, ao avistar Euríalo e demais competidores, ao procurar um modo de ajudar o companheiro.

Contudo, ele não se esqueceu de Euríalo, não se esqueceu de seu amor mútuo, pois, levantando-se naquela passagem escorregadia, interpôs-se a Sálío. Esse, por sua vez, caiu de costas, revolvendo-se na areia espessa. Euríalo se lança à frente e, vencedor com o favor do amigo, toma a dianteira [...]

Nota-se, mais precisamente no verso 334, uma exaltação de um sentimento que é recíproco e profundo. É interessante observar essa ação descrita por Virgílio, pois fica cada vez mais evidente no decorrer da narrativa essa cumplicidade entre os guerreiros, um laço amoroso que só aumenta até o último ato da vida deles.

Em um combate prenunciado por Juno, canto IX da *Eneida*, para que Turno atacasse os troianos a frente do exército rútilo, Niso e Euríalo têm seus destinos traçados em um desfecho infeliz, porém surpreendente. A philía que os une é, portanto, mais intensa em um último ato da vida dos guerreiros. Diante de Niso, Euríalo é morto por um dos soldados rútilos, Volscente.

Euríalo debate-se na morte; por seu belo corpo desce o sangue e sua nuca desfalecida recai sobre os ombros:

como quando a flor púrpura, cortada pelo arado, enlanguesce ao morrer; ou como as papoulas, com a haste cansada, inclinam suas cabeças quando as chuvas as tornam mais pesadas.

Niso, antes de ser mortalmente ferido, consegue, portanto, atingir Volscente. Assim, em um ato de vingança, conseguiu matar aquele que o deixara infeliz ao tirar a vida de seu prezado companheiro Euríalo. Nesse instante, “Então, alvejado, jogou-se sobre seu amigo exânime e foi ali que descansou com uma morte serena”.

Ambos os soldados troianos têm o mesmo fim, num momento tenso de um assassinato em que um (Niso) tem a infelicidade de assistir a morte do outro (Euríalo). A dor que atinge o então sobrevivente não o leva a temer um destino semelhante ao de seu companheiro, mas o impulsiona a vingá-lo e a morrer com honra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi um pouco mais a fundo e ousou tratar de relações afetivas entre guerreiros. Essa discussão trouxe à tona questões que remetem a uma forma de homossexualidade na Antiguidade em um contexto em que a virilidade era mais intensa. A referência homossexual entre os guerreiros da épica clássica teve um embasamento a partir daquilo que se cantou nas epopeias Eneida e Ilíada e daquilo que se discutiu em alguns estudos críticos realizados na modernidade. Virgílio e Homero apresentam cenas épicas em que jovens guerreiros possuem um vínculo para além de uma simples amizade. Em certos cantos isso não fica mais subentendido, pois certas atitudes ou de Niso e Euríalo ou de Aquiles e Pátroclo, deixa claro que o laço afetivo entre eles atinge um grau próximo de um ato amoroso e homoerótico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- C. A. André (2006). **Caminhos do amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do século I a.C.** Lisboa: Cotovia.
- K. J. Dover (2007). **A homossexualidade na Grécia antiga.** São Paulo: Nova Alexandria.
- A. M. Esteves (2016). «Niso e Euríalo: uma releitura otimista da Eneida» in A. M. Esteves; A. M. Azevedo; F. Frohwein (Orgs.)

- Homoerotismo na antiguidade clássica.** Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, p. 101-123.
- F. Lourenço (2013). **Homero. Ilíada.** São Paulo: Companhia das Letras.
- A. S. Viegas (2012). «A arrogância de Aquiles e a doçura de Pátroclo: a narrativa de uma *philia* mediada pelo equilíbrio entre *hybris* e *sofrosýnos*».
- Principia: Revista do Departamento de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras**, pp. 71-79.
- A. S. Viegas (2013). «O amor de Aquiles: de quem é o coração do herói mais belo da Ilíada de Homero? Pátroclo ou Briseis?». **Nearco: Revista Eletrônica de Antiguidade**, pp. 27-43.
- M. O. Mendes (2005). **Virgílio. Eneida.** São Paulo: Ateliê Editorial.



A JUSTA MEDIDA: DO CARPE DIEM AO HAKUNA MATATA

André Luís Martins Rodrigues [SEMED]
(orientador) Weberson Grizoste [CESP-UEA]

Resumo: *O artigo discute as semelhanças dos conceitos da justa medida proposta por Horácio, sintetizada na expressão carpe diem e de sua relação com a expressão hakuna matata vivenciada pelas personagens Timão e Pumba na trilogia cinematográfica O Rei Leão, verificando até que ponto o pensamento de Horácio perpassa na filosofia de vida das personagens e como pôde ser transposto para a via cinematográfica, através do processo de transposição intersemiótica.*

Palavras-chave *carpe diem, hakuna matata, Timão e Pumba, justa medida.*

O conceito de Horácio acerca da justa medida no viver propõe o equilíbrio nas ações e o distanciamento de tudo aquilo que possa causar dor e perturbações para a vida. Para o poeta, o homem necessita viver o hoje e aproveitar o agora como se fosse o seu último dia. Condena, por outro lado, aqueles que vivem nos abusos dos prazeres da vida, tal como prega o hedonismo da escola cirenaica, que preconizava “o prazer (*hedonè*) era o fim supremo da vida humana e,